

O LICEU

Órgão do Liceu de Artes e Offícios de S. Gonçalo
Cuiabá — Mato-Grosso



Ano II

Julho

N. 13

Janko, o músico

Henrique Sienkiewicz

Era tímido como todos os filhos do campo, sempre pronto a chupar o dedo e coçar a cabeça quando um estranho lhe dirige a palavra. Ninguém se ocupava em vê-lo crescer e menos ainda em pensar que algum dia poderia ser útil a sua mãe, refratário como era ao trabalho. Sem saber nem como nem porque a música o cativava. A endemoninhada o seguia por toda a parte e desde muito pequeno. Mil vezes ao levar as vacas ao pasto, tomava a sua cesta para recolher ervas e mil vezes a cesta chegava em casa vazia.

— Mamãe, mamãe, que belos cantos no bosque!

A criança estava entusiasmada, mas a mãe lhe dizia:

— Vai-te fazendo de tolo que eu vou te fazer cantar!

E vinha então a música do chicote, Chorava o pequeno, gritava e prometia não mais o fazer. Porém, apesar de tudo, apesar dos golpes que lhe queimavam a pele, pensava naquela maravilhosa musica da selva. Os pinheiros, as faias, os olmos, os melros, os passaros, o bosque inteiro, tocava, cantava, cantava!

E que maravilha de música!

A última mata de alecrim produzia sua canção; os pardais que piavam na sarça junto da cabana tinham uma melodia especial! E de noite os mil ruidos do campo, no sonho da tate, eram para êle concêrto misterioso!

Se mandavam ventilar o trigo, o mesmo vento se comprazia em silvar ou grunhir joeiras.

O guarda, que de noite corria aqueles campos cantando e corria a aldeia contando as estrelas do céu para não dormir ou se entretendo em falar com os pássaros, tinha — quantas vezes! — visto a camisinha branca de Janko, que se aproximava furtivamente de uma casa. Janko, porém

não entrava, agachava-se junto da janela aberta e escutava as jovens que bailavam *abertass*. De quando em quando se ouvia a voz de um menino que gritava: "Ou-ha!"

Entretanto as botinas pateavam no solo desigual e ressoavam as vozes argentinas das meninas, o violino, vibrando docemente: 'comeremos, beberemos e, estaremos alegres' diziam e em baixo sua voz grave ressoava também: "comeremos, beberemos, estaremos alegres." As janelas brilhavam iluminadas; as portas vibravam, gemiam, cantavam também. Janko ouvia. Que não teria êle dado por um violino que tinha uma voz tão delicada e tão alegre!

E acabou construindo um com madeira e crina de cavalo. Mas seu violino não tinha os sons fortes do violino do salão; vibrava docemente como o zumbido de moscas ou de vespas. Nem por isso deixava êle de arranhá-lo todo o santo dia, á custa de mil repreensões e pescoções maternos.

Seu aspeto era o de uma maçã verde. Mas tal era a sua compleição. Cada vez mais fraco, seu ventre crescia cada vez mais; o cabelo sempre revoltado, indisciplinado; seus olhos sempre grandes, cheios de lágrimas, as orbitas tão fundas que fazia pena as ver

Uma noite de lua claríssima não havia ninguém na cozinha. Muito tempo já que os proprietarios viajavam para o estrangeiro. A casa estava deserta e o criado conversava com a camareira na outra parte do edificio

Janko, occulto por entre os arbustos, contemplava pela porta aberta de par em par, o objeto dos seus maiores desejos:

Sim, uma noite clara e serena. No jardim, perto do tanque o rouxinol multiplicava seus trinos e já languido, já persuasivo, lhe repetia: "Anda

O LICEU



Órgão do Liceu de Artes e Ofícios de S. Gonçalo
Cuiabá — Mato-Grosso

Ano II

Julho de 1937

N. 13

Lágrimas e Sorrisos

Oswaldo Lôbo

LÁGRIMAS — legado comum da humanidade tôda; sorrisos — partilha de bem poucos.

Lágrimas doridas, derrama-as todo o mundo; sorrisos sinceros, afloram a poucos lábios.

Uma lágrima é sinal certo da dôr que oprime o coração; um sorriso nem sempre indica verdadeira alegria.

Lágrimas é coisa que desliza de tôdas as faces; há lábios que nunca sorriram.

A lágrima é sempre (—ia dizer: sagrada—) sublime, respeitável.

O sorriso é muita vez pérfido e traidor.
As lágrimas atraem. As lágrimas aliviam
o coração. E se o sorriso é sedutor, éle é tam-
bém — quanta vez! — fonte de futuras lágrimas.

O sorriso que vem de lágrimas é o mais san-
to, o melhor de todos os sorrisos.
As lágrimas geradas pelo sorriso são as mais
amargas, as mais desastrosas. Quantas lágrima-
mas não há, neste mundo, oriundas de simples
sorriso!

Em compensaçãc, quantos corações não re-
ceberam a paz de que gosam de umas lágrimas
sinceras, deramadas na consideração de erros
passados!

Lágrimas e sorrisos... que belo tema pa-
ra o cálamo de um poeta!

Penã é que os sorrisos verdadeiros sejam
tão raros e que as lágrimas inúteis sejam tão
frequentes!

Não merecem o nome de sorriso aquêles a-
res de quem sorri mas não está contente, de
quem se mostra exteriormente alegre mas cu-
ja alegria não parte do fundo d'alma: seu sor-
rir é rótulo falso que encobre muita miséria.

Quão melhor não seria, se houvesse menos
sorrisos enganadores!

E que bem, se mais lágrimas sinceras hou-
vesse!

Sorridente, ó perversos: não vos invejo a ser-
te!

Chorai, ó almas nobres: quem me dera co-
mo vós eu fôsse!

Lágrimas... sorrisos...

Sorrisos — tão poucos!

Lágrimas — quantas!



INGRATO

Senhor, o verbo ouvi vosso inflammado
Anathematizar a ingratidão
De dez não era o grupo que curado
Mandej. Os outros nove onde é que ' stão?

Tambem leproso eu era e o peccado
Era-me a immunda lepra. Em podridão
Minha alma estava. Hoje estou saneado
Perém onde, Senhor, a gratidão?!

Ao ver-me livre, logo satisfeito
Eu me fui. E deixei todo desfeito
Em mil graças o estranho aos vossos pés.

Mas eu que de ser vosso alto me ufano
Deixar vencer-me a um Samaritano?!
- Não! Tambem farei o que elle fez.

Maia d' Athayde

O TEU TESOURO

Moço, meu amigo!
Eu sei, com alegria, que
estás animado da melhor
boa vontade!

E vendes entusiasmo e
vendes vida.

Tu és bom, meu jovem
amigo!

Eu o vejo no teu sem-
blante vestido de luz, no
teu sorriso franco e puro,
no teu olhar límpido e fir-
me.

Tu és bom!
E os teus pais folgam
com isso e te bendizem!

Moço, tu és feliz... A
boa consciência é a paz, e a
paz é a felicidade.

Meu amigo, por caridade,
guarda êsse tesouro!

Não empanes o fulgor do
teu rosto, não vicies teu sor-
riso, não quebres a firme-
za do teu olhar!

A boa consciência!

A paz!

A felicidade!

Brasílio Marajá

Fragmentos...

CORAÇÃO

O coração nasceu mudo.
Deus fez-o assim de prudente,
para que não conte tudo
que vai por dentro da gente

Floriano de LEMOS

Só faltava que o coração fa-
lasse! Mudo como êle é, dá
tanto trabalho... Imaginêmo-lo
com o dom da palavra! Que
martírio não seria...

O coração é a parte melhor,
mais nobre do corpo! Coração
que ri e que chora...

Que saltos de alegria dá êle
quando o zéfiro lhe traz um
punhado de venturas!...

Como geme e soluça na ho-
ra amarga da desventura!...

Coração, nasceste mudo, po-
rém, falas mais na tua mudez do
que se tivesses língua para ex-
pressar o que sentes e o que
desejas.

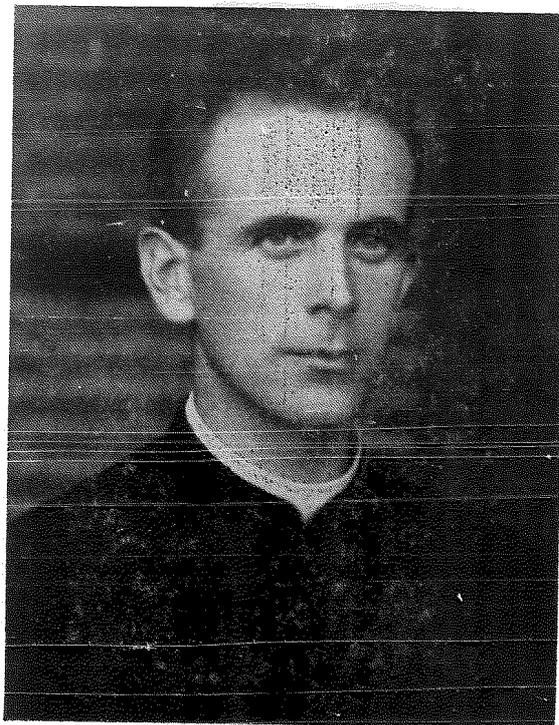
Coração, fica quieto com as
saudades e lembranças que tens.

Frederico SILVA

A educação moral, corrigindo as tendências malélicas,
dá ao forte brandura, ao culto sabedoria, ao cidadão deo-
tamento.

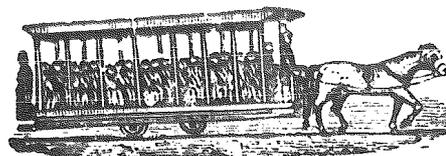
Fernando de Magalhães: A Educação e a Democracia, pág.6.

HOMENAGEM DO "LICEU"



ao rvm. sr. padre Guilherme
Müller, dd. diretor do Liceu
de Artes e Ofícios de
São Gonçalo.

O que nem todos sabem



- 1 — Pelas veias do homem, quando trabalha, circula 9 a 10 vezes mais de sangue do que quando em repouso.
- 2 — Os Jesuítas descoberam o gaz de iluminação que em 1794 serviu para iluminar o convento de Stonykost, na Inglaterra, depois espalhando-se por todo o mundo.
- 3 — A abreviação H P pela qual se exprime o trabalho das máquinas são as iniciais de duas palavras inglezas "Horse power" i. é., força de cavallo.
- 4 — O sinal radiotelegráfico internacional nas catastrofes é: S. O. S. São estas letras iniciais de palavras inglezas: "Save our souls" (salvai nossas almas) esarevem-se da seguinte forma no alfabeto de Morse: . . . - - - . . .
- 5 — A côr do luto na China é a côr branca.
- 6 — A árvore mais velha do mundo é o cipreste no cimiterio de "Santa Maria del Tule". Dizem ter êle 5.000 anos medindo 40 m. em volta do tronco
- 7 — O bicho de seda faz em unia hora meio metro de fio de seda, sendo que a máquina fabrica 40 m. de seda artificial.
- 8 — Durante uma representação de 2 horas pela máquina cinematografica passam 2.500 metros de filme.
- 9 — O maior íman é a terra.
- 10 — O homem respira numa só vez meio litro de ar.
- 11 — A carne assada é mais nutritiva que a cosida.
- 12 — A materia mais dura, até agora conhecida pelo homem, é o diamante.
- 13 — Na Europa duas cidades não foram tomados por inimigos Londres e Leningrado.
- 14 — O escorpião pode viver sem se alimentar um ano; a aranha 17 mezes.
- 15 — O homem adulto, come por ano proporcionalmente quatro vezes tanto quanto pesa o seu corpo.
- 16 — A profundidade do mar até agora conhecida é de 10.430 m. nas ilhas Filipinas.
- 17 — Uma abeiha trabalhando diãriamente 10 horas recolhe um ano 1kg. de mel
- 18 — O elemento mais espalhado no mundo é o oxigenio (40 %).
- 19 — A nota (dinheiro) em papel foi usada, na China, já no ano de 650, sendo que na Europa só em 1694.
- 20 — O Padre Mario Gulino de Ragusa (Sicília) celebrou na idade de 100 anos a Santa Missa em ação de graças, na ocasião das bodas de diamante (75 anos) da sua ordenação sacerdotal.
- 21 — O raio luminoso do Sol chega à Terra em 8 minutos, sendo sua velocidade de 300.000 klm. por segundo.

Águas mortas

D. Aquino Correia

Conheceis, por certo, algum desses lugares soturnos, onde as águas rebalsaram, estagnando-se, e a vida parece também estagnar-se aí com elas. Só pulula em seu seio e nos arredores, a fauna imunda dos batráquios, dos reptís e dos protozoários. Não desabrocha aí o sorriso duma flor, não vibra a cauda dum peixe nacarado, não canta a alegria dum pássaro. Os ares são mefíticos, e neles esfervilha a nuvem negra dos anófeles pestilentos.

A fantasia dos antigos povoou de dragões e monstros esses tétricos sítios, tais como a hidra formidável dos pântanos de Lerna, e as harpias horríveis dos brejais do Estínfalo, imortalizadas estas e aquela, como sabeis, em dois dos mais insignes trabalhos Hércules.

E' a região sombria das águas paradas, das águas pútridas, das águas mortas e mortíferas.

Triste, mas expressiva imagem da mocidade, quando ela renuncia à vida do espírito, para entregar-se a essoutra vida, em que, segundo uma expressão enérgica da Vulgata, animaliza-se o homem: *animalis homo*.

Vêde esse moço, em cujo ser, pela mais profunda das subversões, o espírito se escravizou aos instintos da animalidade, que dêle se serve como dum bobo medieval para as suas chocarrices, dum histrião para as suas indignidades, dum alcaioite para as suas galantarias, ou quando muito, dum pagem de honor, para as tafularias da sua janotice e da sua vaidade.

Tudo que é nobre, puro e santo, se estiola e murcha nesse coração, desde a flor mística da piedade e a flor rubra do sacrificio, até a flor luminosa do patriotismo e a flor casta do cavalheirismo e do amor. Só vegeta aí a flora daninha das paixões do egoismo, cujos frutos semelham aos de Asfaltite, o mar morto, belos por fora, mas por dentro, inteiramente podres.

Tal é a vida que ostentam esses infelizes, vida inferior como as que proliferam nos charcos, vida que o estilo incisivo de Tácito definiu em duas palavras: corromper e corromper-se, *corrumpere et corrumpi saeculum vocatur*; vida, enfim, toda aparente, que o livro santo frisou nesta antítese tremenda: *nomen habes quod vivas, et mortuus es!* «E's moço, tens um nome de vida, mas estás morto!»

Nada mais contristador do que esse quadro de morte, onde devera florir a vida, do que essa dissolução da juventude, maxime em horas como esta, das maiores responsabilidades, quando a Pátria reclama toda a vitalidade da sua mocidade.

Uma história curta

(para os moços)

Quando eu era menino como vós, estava num collegio religioso, muito bem conceituado. Na roda dos meus intimos primava pela graça, bonariedade, delicadeza e bom exemplo, um colega inapontavel. Era o idolo das nossas rodinhas, daquelas rodinhas tão inocentes dos pequenos recreios. Era de vêr-se o nosso amigo, sempre alegre e prazenteiro, camarada leal, a desopilar a bôa companhia. Tinha um lado todo seu. Uma franqueza de rude militar. Muitas vezes, galhofando, ensinava e torcia algum pauzinho torto. Era ja um educador. Parecia feliz.

Ninguém o apanhava em cousa alguma. Um dia, porem, na pandega, viemos a notar que o nosso Valdemiro era um tanto supersticioso. Dizia: "Não sei o que será de mim. Nasçi em agosto... Em o caso, si não dêr para esta vida, vou bater com quartos na caserna. E ria-se gostosamente.

O ano letivo já ia expirando. Num belo dia, o diretor do collegio, quis ter o prazer de entabolar conversa com o nosso cidadão. Alguma frase, alguma attitude talvez, do diretor, (nada soubemos a principio) resultado: Nova fase da vida de Valdemiro. O caso foi logo notado pela nossa rodinha. Que teria acontecido? Para nós, grande differença com certeza. Aquellas frases curtas, cartadas telegraficas, respostas sibilinas e cabalisticas, despachos sêcos, modos novos e extranhos, excentricidades, aborrecimentos, invectivas aéreas, todo um conjunto nervosamente disparatado. Conclusão: Um companheiro a menos, logo outro a deixar a rodinha. Em poucas semanas Valdomiro era um misantropo, odiava a sociedade e convivencia alegre dos colegas. Começava de frequentar as colunas e os postes, as paredes e os cantos do educandario. Não era por castigo, não, era por desgosto da nossa vida bôa. Um dia (eu ficara penalizado com o fato), aproximei-me

do amigo. Estava resmungando palavras desconexas. Apreendi algumas. "Injusto! Careca sem juizo, tu me pagas. Espera! ha pau que passa pau. Deixo esta vida só por tua causa. É porque nasci em agosto, que assim me tratas? Vou assentar praça. Tomara que rebente uma revolução, que eu venho dar cabo de ti, aqui mesmo no teu quarto. Pensa que eu sou um... palhaço?"

Não me atrevi interrompê-lo. Entendera tudo. Ele fôra chamado á ordem, porque fazia o papel de palhaço entre os companheiros. Dias depois deixava o educandario que já lhe era prisão. A nossa rodinha fez luto por muito tempo.

* * *

Julho de 1932 em S. Paulo. O collegio no mesmo lugar. Nós já formados, os superiores novos. Superstite, só o velho diretor, calvo e austero. Um dia, os ditatoriais numa furia desapiadada e destruidora, lançavam projecteis, bombas e granadas nas cercanias do velho collegio. Em casa não havia paz. O crepitar das balas de fuzil, as rajadas metralhadoras, o estouro de uma tempestade não sonhada... um avião roncando nos ares. Um vermelho, o avião de Valdomiro.

Ele vem cêgo. Desce e vai aterriçar no longo pateo, no velho pateo de seus brinquedos de infancia. No interno do collegio, alvoroço indeciso. Corre a voz que é um amigo. A nenhuma precaução do aviador, nenhuma bala, tudo fê-lo crer. Alguns saem-lhe ao encontro. O velhinho calvo, já tropego, tambem assoma á porta. De longe, Valdomiro o reconhece. Ele! não ha duvida... e vai cêgo contra o velho inerte. O encontro é estranho. Nenhuma palavra. O olhar de Valdomiro é sinistro; o velhinho é meigo. Um faiscante, desviado; outro celestial. Não se entendem e já se reconheceram. Valdomiro tem

Sacrifício de mãe...

O menino estava muito doente. A mãe, desesperada, ouviu da dos boca médicos a sentença cruel: o seu filhinho, com dez annos apenas, estava condenado á morte.

Aflita ajoelhou-se deante do crucifixo e rezou: «Senhor! Quero salvar o meu filho, para o Teu Sagrado Serviço! Leva-me a mim e deixa-o viver para servir-Te!»

O altíssimo atendeu a essa prece fervorosa: oito dias depois aquella mãe heróica morria. E o seu filhinho! E' hoje Arcebispo de Ruão, na França.

AGRADECENDO

*** Da insigne escritora e poetisa portuguesa ALZIRA VIEIRA tivemos a honra de receber a oferta de seu primoroso livro "Pátria, Crença e Tradições", todo êle impregnado de sadio nacionalismo, fé intrépida e encantadoras tradições lusitanas.

Alzira Vieira pertence ao Instituto Etnológico da Beira e é autora de várias obras, entre as quais: A Missão da Mulher na hora presente; Cantos e Prantos; Lirios e Violetas; A Rosa e o Espinho; Rosas e Espinhos de Professor Primário; Flores Minhas etc.

Mui gratos pela gentileza da autora, publicamos, neste número. uma página de "Pátria, Crença e Tradições".

instantes de crocante indecisão. Depois, triunfa o orgulhoso despeitado e gargalha sargonicamente: "Palhaço! ah! ah! ah! Palhaço!" O velhinho esboça um sorriso celestial que lhe morre nos labios. No céu aponta um avião paulista a despejar uma chuva de balas sobre os presentes. Valdomiro só, fôra alvejado. Caira sem palavra. Apertava um bolso. Nele encontrou-se uma carta. Sobre o envelope, estas palavras. A quem lêr". Dentro uma folha vermelha, e estas palavras, em em caracteres garrafas: "Eu sou Valdomiro, aquele menino palhaço de 10,

que hoje seria um padre feliz e o não logrou. Padre N... não me salvaste; tú perdeste com uma só palavra "Palhaço"... Adeus. Eu venho a morrer por aqui mesmo de qualquer modo ou jeito.

Uma cousa peço a quem fôr: No meu epitafio ou na cruz de minha cova, quero que escrevam assim: "AQUI JAZ UM DESGRAÇADO QUE NÃO SEGUIU A SUA VOCAÇÃO".

Sempre tem mau fim todo aquele que dá ouvidos ao clamor das paixões.

Vuitó Sereno

Primeira Carta

*Mamãezinha: cheguei ontem.
O Colégio está tão triste!
Só saudade, só tormento
Em redor de mim ex ste.*

*Mas olha, estou vendo agora
Que razão de sobra havia,
Quando chamavas teu filho
Distraído em demasia.*

*Imagina, mamãezinha:
Por não sei qual distração,
Deixei por aí perdido
O meu pobre coração.*

*Procura-o, vê se o encontras.
Tem pena do meu sofrer.
Pois, como sem coração
Pode teu filho viver?*

Resposta

*Hei recebido, filhinho,
Tua carta. Tens razão.
Deixaste, de fato, aqui.
Perdido teu coração.*

*Sabes, porém, onde estava
O meu filhinho querido?
No coração da mamãe
É que ele estava escondido.*

*Pelo primeiro vapor
Eu mesma irei to levar.
Um tal tesouro não quero
Por nada a ninguém confiar.*

*P. S. Mas cuidado! que não fique
Na minha volta, oh! benzinho,
O coração da mamãe
No coração do filhinho.*

Nestor Alencar

Tout-Passe

«Sairá uma vara do tronco de Jessé
e da sua raiz brotará uma flôr.»

Alzira VIEIRA

Aspirou Roma à conquista da Terra então conhecida, embora a sua posição geográfica não favorecesse muito essa aspiração. Napoleão não quizera tanto: o desterrado de S. Helena parecia antes ter em vista a unidade europeia.

A Cidade Eterna, que Rômulo fundou chama seu ao Egipto depois da morte de Cleópata; é completamente sua a Grecia, terra da arte e da beleza, com a destruição de Corinto e submissão de Athenas; é provincia romana a Siria; Cartago, patria de Anibal, é reduzida a cinzas, por ordem dos romanos: a velha cidade do Lacio, como um leucocito absorvente, estende já os seus tentáculos desde o Reno e o Danubio até à Arabia e vastos areiais do Saará, e desde o Eufrates até ao Atlantico.

A linda Lusitania pertence-lhe tambem, apesar dos esforços do intrépido Viriato, vítima duma traição; Numancia sucumbe. O grande imperio que Alexandre conquistara, palmo a palmo, é reduzido a provincias romanas.

Para onde caminhas, Roma altiva, poderosa e soberba?!

Que febre é essa na conquista do mundo?!

Se vivesse e assim te visse Diógenes, o filósofo da lanterna e passasse ante os brincados e floridos jardins do Lacio, rir-se-ia com desprezo da tua despótica e desmedida ambição, como antes soltara o seu riso sarcástico, perante a sombra angusta de Alexandre, o querido discípulo de Aristóteles e talvez te dissesse, na lingua eloquentemente manejada por Cícero, ou naquella em que Sócrates, junto ao Pórtico, interrogava os seus argutos discípulos:

— *TUDO PASSA!*

Tambem Thebas, a cidade das cem portas, fôra grande e caíra...

Babilonia, mais antiga ainda, e depois Nínive arruinaram-se. Persepolis eclipsára-se! Onde estão as velhas e opulentas cidades dos assirios, dos medos, pérsas e caldeus?!

Como os homens, as cidades e os povos se transformam em tão pouco tempo! *Em pouco tempo*, sim!

Pois que é uma duzia de séculos no calendario imenso da eternidade?!

— *Tout se remplace...*

É que a fragilidade humana nada cria que possa sustentar-se perpetuamente.

Nascem e tombam illusões, brotam e morrem esperanças, tudo apparece e se aniquila: e de todas as ruinas só a Dôr fica sempre, latente e implacavel; só ella fica e o exemplo da Virtude tambem, quando existe.

Tanto sangue derramado pela terra, cidades reduzidas a cinzas, troncos derrocados, assassinatos, mortes, traições, crimes de toda a especie, tudo com um fim unico: dar largas à ambição.

Por isso, com razão disse um orador:

— A ambição eleva o homem e a ambição o precipita...

— *Tout passe!*

Roma orgulhosa e altiva, conquistando e devastando, via com intimo regosijo que o mundo se lhe rojava aos pés, gemendo sob o peso da escravidão.

Mas... enquanto a pesada atmosfera romana se compraz em asfixiar os povos conquistados, nas ribas alcantiladas e floridas do Jordão, e pelas montanhas da Judeia que os lirios da Palestina revestem. Alguem surge pregando uma nova doutrina, fonte perene de doçura e Amor, de Igualdade e Fraternidade.

DUAS TIRAS

HELIO MAIA

Recebo, ao mesmo tempo, dois livros que se ajustam, afinam e completam.

São duas faces uniformes dum diedro, verso e reverso duma só medalha. Um, escripto em francês, pelo Padre Duroure, traz o titulo *Sur le Fleuve de la Mort* — o que parecerá a muita gente uma extravagancia o traduzir *Rio das Mortes*, nome Geographico do baixo-Rio Manso de leste.

Mas o auctor o fez, é bem de vêr, intencionadamente, querendo dar a crêr que o rio é, de facto, um rio da morte — como o foi para os heroicos missionarios cuja tragedia obscura descreve e exalta. Outro, em portugûês, é *Herões Authenticos*, do Inspector Carletti, editado pela "Vozes" de Petropolis.

Contam ambos a mesma epopeia anonyma — dois padres, João Fuchs e Pedro Sacilotti, da Congregação de D. Bosco, são os protagonistas desse drama obscuro que se desenrolou em plena selva, no rancho S. Tere-

sinha, ás margens do rio sooturno. Os feros Chavantes sacrificaram-nos á sua sêde de vingança, ao seu odio á civilização...

A leitura destes curiosos relatos faz bem á alma. Em era como a nossa, dominada pelo sentido pratico da vida, pelo pragmatismo e pelo materialismo, como é doce reconhecer que ainda existem herões que se deixam serenamente, immolar por um ideal! E não ha negar que só a grandeza moral da Fé christian pôde produzir desses herões. E podemos conciuir com as seguintes palavras profundas do *Escarcement* da obra: "Desde os primitivos tempos do Christianismo, não era tanto a doutrina que informava os apostolos, quanto o espirito do qual estavam inspirados, e a vida que os animava. *Espirito de Jesus, que penetra, aquece, transforma a alma; vida que é ordencio de caridade, fé, immolação heroica.*"

Isso, que parece nada, diz tudo: abre-nos aos olhos o segredo desses holocaustos.

A multidão escuta-O, aclama-O e segue-O.

E' Ele quem, pela primeira vez na Terra, diz que todos somos irmãos. Os escravos e oprimidos respiram melhor.

— Ama ao proximo, como a ti mesmo, — diz Ele.

Incomparavel doutrina esta até então desconhecida!

E o sentimento de fazermos aos outros aquilo de que eles careçam, independentemente de o haverem merecido, é ainda hoje, e será sempre, o mais belo ornamento do coração humano—o verdadeiro sentimento da Caridade!

O castigo do avaro

O avaro não pode ser feliz, vive mal e morre miseravelmente!

Há tempos, vivia numa choupana, um casal de pobres camponeses.

Não tinham senão umas galinhas que com a venda de seus ovos davam-lhes o lucro necessário.

Por isso, lastimavam e pediam — não a Deus, mas sim ao diabo, — que lhes ajudasse.

Em uma tarde, enquanto a mulher distribuía o milho às criações apresentava-se-lhe o marido com uma esquisita galinha, nunca vista!

Deixaram-na num ninho. Interessante! Ela não comia, não saía, e sempre a pôr ovos! E que ovos! Do tamanho do de uma ema! Dentro, não tinha clara nem gema, mas sim, ouro!

Com isso ficaram ricos...

...

Lá está o casal na posse de um palacete! E a galinha sempre a pôr ovos! O homem e a mulher viviam a adorar o ouro!

Passaram-se anos...

Quanto ouro não teriam, sempre acumulando?

...

Não estão na sala.

Entram dois ladrões... Descobrem uma caixa toda de ouro e prata. Vê-se alojada ali a galinha.

Ouvem-se rumores de passos.

Os ladrões escondem-se.

Abre-se a porta, entra o dono que ouvira o ruído. Adianta-se até à caixa, tira o ovo. Olha, admira, beija-o e coloca-o onde estava. Depois, abaixa-se aperta um botão e logo se levanta uma porta secreta que dava para o porão!

Ei-lo em frente de toda a sua riqueza!

Sacos e sacos de ouro!

Tira o ouro do ovo, abre alguns sacos e começa a adora-lo!

Derrama no pavimento o precioso metal e o beija repetidas vezes...

Mas, que vê? Quatro olhos em brasa e quatro braços nus e vermelhos a atormenta-lo!

Os olhos perspicazes, verificam aquela cena, enquanto os braços nus chama-no para si. Atemorizado, horrorizado vai para o quarto.

Nada escapara à vista dos ladrões que fazem a mesma cousa. Desceram ao porão e roubam todo o ouro.

Fogem pela janela deixando a porta aberta!

Apressados, entram os esposos. Que! O alçapão suspenso? Reconheceram. Foram roubados! A dama caiu desmaiada! O avaro não se conteve mais. Agarra a galinha e a mata.

Estava acabado o seu ouro!

Pelos ladrões, e pela morte da galinha, que não era mais que um instrumento do diabo, àquele solar volta a miséria.

Enlouqueceram!

V. Rodrigues,



A ÚLTIMA LIÇÃO DO GRANDE RUI BARBOSA

«Por derradeiro, amigos de minha alma, por derradeiro, a última, a melhor lição da minha experiência. De quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas cinco palavras: Não há justiça, sem Deus».

RUI BARBOSA



ro

ser feliz, vi-
aravelmente

alguns sa-

precioso
es...
em bra-
melhos

am a-
s nús
hor-

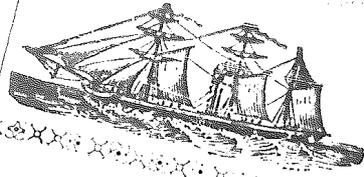
rões
ram

or-

el

a.

-



Crônica

MÊS DE MAIO

PROVAS parciais — Realizaram-se, nos últimos dias de maio as primeiras provas parciais do curso secundário fundamental do Liceu de Artes e Ofícios de São Gonçalo.

MÊS DE JUNHO

Dia 7 — QUARENTA ANOS DE VIDA MISSIONÁRIA.
— Na intimidade, comemorou-se a passagem do 40º ano de vida missionária em Mato Grosso, dos Salesianos padre José Galizera, sr. V.ório Taroni, Carlos Visetti e Angelo Sordi (este último 42 anos!). Chegaram aqui as a Cuiabá, no dia 7 de junho de 1897!
Quantos merecimentos para a Vida Futura, nessas almas consagradas a Deus, em quarenta anos de trabalhos, sacrifícios e prece!...

Dia 8 — Parte para as Missões Salesianas da Prelazia do Araguaia o sr. padre inspetor Frn'sto Car'etti, levando em sua companhia os sr. clérigos Guilherme Baker e Constantino De Monte.

Dia 9 — Comemoração do Seminário da Imaculada Conceição, o centenário do nascimento do v. n. o. padre Miguel Rua, primeiro sucessor de São João Bosco no governo da Congregação Salesiana. Alma de asceta, devotadíssimo a D. Bosco, D. Rua foi o primeiro e o maior dos Salesianos.

Dia 16 — Férias!

» 23 — Fogueira de S. João

» 25 — Onomástico do sr. mo padre Diretor, Guilherme Müller e do sr. mo. padre Guilherme Vagatch, dd. vigário da paróquia de S. Gonçalo.
— Passeio dos aprendizes a Coxipó.



No caminho

M. Laporte

No desenrolar da nossa existência nem sempre em flôr, se nos depara o caminho da vida. Encontros funestos nos aguardam ao longo da estrada. Seres humanos desalmados, sem lê nem lei, se nos aparecem, nas encruzilhadas a nos apontarem para os caminhos escorregadios do mal.

Tais seres, Deus permite que os encontremos, mas tais Deus não os fez. Malvados fizeram-se a si mesmos. Tempo houve, em que Deus caminhava com êles como caminha conosco. Mas êles não quiseram reconhecer a sua convivência, afastaram-se e Deus lhes respeitou a liberdade.

* * *

Murmura a razão humana: Sabendo Deus, de antemão, que certos homens se tornariam mais tarde, pedra de tropeço para outros, porque os chamou à existência? Não compete ao homem pedir a Deus razão de seus atos. Deus, aliás tem seus segredos. Mas antes de resmungar não queira o homem esquecer: a cena do paraíso terrestre nem a do juízo final. Queixar-se-á da liberdade? "Qual! dizia Rousseau, para impedir ser o homem malvado, devia Deus limitá-lo ao instinto e fazê-lo animal? Não, Senhor da minha alma, nunca te lançarei em rosto o me teres criado à tua imagem!"

* * *

De nada serve queixarmo-nos, pois, por mais malvados que sejam êstes homens, nada podem contra nós, se não lho permitirmos. O universo inteiro não poderia afastar de Deus a nossa vontade. Muitos podem ser os nossos inimigos, mas sempre podemos fugir dêles. Dizia Veillot: «Não sabe a cobra que a pomba tem asas.»

Ora, asas não faltam a ninguém, mas devem abrir-se em tempo. Assim que a alma se achar em frente a um perigo: companhia, conversa, leitura, etc... num relance, toma consciência da sua fraqueza e volta-se imediatamente para Deus.

O sentimento de sua fraqueza gera a humildade; da humildade nasce a oração.

Humildade e oração eis o par de asas da alma.

Abram-se estas asas e a alma estará fora de perigo.

* * *

Dia virá em que nossa alma arrebatada, se extasiará à vista dos motivos que determinaram Deus a não deixar de criar tais homens que deviam ser para os demais ocasião de pecado.

Enquanto caminhamos: vigíemos e oremos.

Lá em cima: o triunfo; cá em baixo: o combate.

VANDALISMO! Álvaro Guerra.

I

Não há outro recurso, minha senhora. Sua filhinha está sofrendo de uma *otite*. Precisamos combater, quanto antes, a erupção cutânea que se lhe vai alastrando pela cabeça: pode sobrevir-lhe uma *meningite* e... ser fatal o desenlace.

Estas palavras, um tanto enigmáticas, ditas assim, em tom de oráculo, fria e severamente, pelo médico, caíram, no entanto, como gotas candentes, corrosivas, sobre a alma consternada dos genitores.

—Mas... doutor... Reflita bem!... Quem sabe se há outro meio?... Loções, três ou quatro vezes ao dia, com aquêlê medicamento que ainda ontem, à tarde, o senhor receitou... — retorquiu, tímida a mãe e, a aflita mãe, afagando com amor as madeixas flavas da pequenina enferma.

—Não há, mesmo outro recurso; o único meio é este, minha senhora. Corte-lhe rentinho o cabelo, e logo, o mais depressa possível, para que o curativo produza efeito. — E, ato contínuo, erguendo-se da cadeira, o médico cortêsmente se despediu e rápido, lampeiro, saíu para o carro postado à porta.

II

—Cortar-lhe o cabelo rente, à-escovinha... Oh! isso nunca! Agora que está tão crespo, tão cacheado!... Hei-de fazer-lhe o curativo com proveito, mas... sem essa barbaridade! — exclamou a mãe, com a voz oprimida pela emoção e os olhos languês, magoados, a transbordarem de lágrimas. O pai, o mais gravemente que pôde, disfarçando a sua pena, ponderou que o médico tinha razão: sem a tosa completa do cabelo, como se poderia fazer bom curativo? E — era preciso no-

e — muitas rtas-criança haviam já succumbido na mesma idade por simples desvio das prescrições médicas. Demais, aquelas madeixas flavas, tão belas, tão mimosas, — doces ao tato como o arminho, rútilas à luz como fios de ouro — eram *bens de raiz*: dentro em pouco renasceriam e — quem sabe? — talvez mais lindas que dantes.

A mãe, que já havia três meses, dia e noite tremia pela existência da filha — um débil anjinho de dois anos —, fitou os olhos na áurea cabeleira crespa da enferma, e com inefável tristeza permaneceu muda como que abraçada, alguns instantes. Por último gélidamente calma, preparou-se para a vandálica operação.

III

O pai não quis assistir ao sacrilégio. Afastou-se para o seu gabinete, ocultando assim discretamente, a mágoa que lhe esmagava o coração. Lá pôde, porém, posto que a distância, chegava-lhe o retinir sonoro da tesoura, repercutindo doloridamente no mais fundo recessos de sua alma. Era, mesmo uma crueldade, uma devastação, um *vandalismo!* — refletia êle a sós, soturnamente recolhido, debruçado à mesa com um livro aberto ante os olhos úmidos e a fronte pálida apoiada sobre a dextra.

O ruído límpido, metálico, tintinante, da tesoura — lúgubre aos seus ouvidos — cessou, enfim. A atroz, operação terminara!

IV

Imagine-se, agora, a brutal decepção que assaltou o pai ao ver a cabeça angelica da filhinha — minutos antes aureolada por fulvos e refulgentes anéis das mais formosas madeixas — con-

ANIVERSARIANTES

MÊS DE JULHO

Alunos

- 4 — Gastão da Costa Ribeiro (1ª série).
- 7 — Francisco Aurélio da Silva Campos (1ª série).
- 8 — Ercílio Gomes Pedroso (aprendiz).
- 8 — Antônio Augusto da Costa Marques (1ª série).
- 10 — Augusto Enbanck da Rosa (admissão).
- 14 — Abdala Faní Neto (admissão).
- 22 — Geraldo Magalhães (admissão).
- 24 — Francisco Gomes Bezerra (2ª série).
- 24 — João Lício Borrvalho Filho (2ª série).
- 25 — Carlos Deschamps de Almeida (admissão).
- 30 — Antônio Ferreira da Cruz (2ª série).

Salesianos

- 15 — Pe. Ricardo Remetter — diretor do Observatório Meteorológico.
- 15 — Clérigo Alfeu Levorato — professor.
- 19 — Pe. Guilherme Müller — diretor do Liceu de Artes e Ofícios de São Gonçalo.
- 26 — Clérigo Domingos Vallero — professor.

P A R A B E N S !

vertida, de um instante para outro, inexoravelmente, em... — nem sei bem como o diga! — em uma túbera escavada... em uma cucúrbita ulcerosa!

V

O tratamento do médico foi acertado. Dentro em poucos dias a erupção cutânea cedeu, a *otite* diminuiu e... a *meningite*, felizmente, não sobreveio.

VI

Seis meses são já passados e os tais *bens de raiz* não renasceram! Vieram

outros, é certo, porém lisos, corredios menos louros e mais espessos, que os primeiros.

Por isso, hoje, a desvelada mãe é, às vezes, surpreendida a sós, em vaga abstração, cheia de mágoa, contemplando — como legado de um morto querido — a primitiva cabeleira fulva da gentil filhinha. E é então que uma lágrima puríssima, cristalina, tremeluzente, lhe baila à sombra dos cílios negros.

Coração de mãe! coração de ouro!...



Às Velas!

VUITÓ SERENO

*No estuoso! marinheiro, às velas!
Não vês a bruma, que vurrendo fria,
No horizonte semeou procelas?
Inda dormes? tanta cobardia?*

*Toma do remo, tóca avante! é dia!
Seguirás rumo de outras caravelas;
No mar imenso, baloiçar-te a via,
E perigoso navegar sem elas.
Temer é pravo, se é temer injusto,
Vagar sem norte, é mau viver de susto,
É do ignoto não rasgar os véus;*

*A vida é barco a sossobrar nas vagas,
Ridentes sonhos, deleterias plagas,
Canta o ceceuma jubileoso adeus.*

VENCENDO...

Izé X. Nada

Nos meus tempos de colégio, que bem louge vão ficando, deu-se com um colega, este fato edificante.

«Rubens — era este o seu nome de batismo — desejava ardentemente comungar aos domingos, mas sua mãe não lhe permitia aviar-se ao colégio, sem ter tomado o café.

O pequeno insistia por sair em jejum, mas ela, embora não fosse avêssa ao catolicismo, não consentia e obrigava-a até, a sorver aquêlo gostoso licôr.

Uma tarde, descíamos a rua 15 de Novembro, hoje rua João Pessoa, de volta para casa.

Era um lindo sábado!

Em calorosa palestra êle — com toda a energia que possuía na sua idade de 12 anos — disse-me assim: «amanhã hei-de comungar, custe o que custar.»

Vêremos, Rubens, amanhã te espero nesta encruzilhada. E encaminhamo-

nos cada um para o seu domicilio.

No dia seguinte, ao primeiro bimbalar do sino, com grande surpresa, encontramos-nos, no lugar designado. Eram 5 1/2 de uma manhã linda e serena!

— Bom dia, Rubens, que tal? ganhaste vitória hoje?

«Ganhei. A mamãi deu-me o café e e na sua ausência, atirei-o pela janela a-fóra! Como vês, aqui estou e hei-de comungar...»

* * *

Desta bravura, o nosso herói usou muitas vezes. Foi bom aluno... aplicado, respeitoso e obediente!...

Soube vencer na vida!

Recebeu muitas graças do céu.

Hoje, já formado, vive contente como ninguém...

Semelhante força de vontade para vencer, calou em minha alma e desse colega não me posso esquecer.

Problemas e charadas



1. Não sou Deus, mas hei-de se-lo,
Sem nascer da Virgem Madre
Em perdendo o ser que tenho
Sou filho do Eterno Padre.

2. Terra branca
Semente preta
Cinco bois
Na agulheta.
Papel, tinta, dedo e penna.

3. Qual é a pessoa mais sensível do mundo?
É a que chora de compaixão
Vendo bater ovos ou manteiga.

4. Entre pessoas iguaes qual é a que geralmente cumprimenta primeiro?
É a mais bem educada.

5. Qual é o auge da avareza?
É olhar por cima dos óculos
Atim de não estragá-los.

6. Qual é o animal que gosta mais do homem?
É pulga.

7. Provar que 1000, é igual a 1049.
em algarismos arabes.

MIL em romano vale 1049

8. Formar os nomes de dois jesuítas ilustrados no Brasil com as seguintes letras: a a a c e h i i n r t v.

9. Só para cobrir eu siivo — 2
Lume gero sem igual — 2
Se a minha final se tira
Sou perigoso animal.
Casca—vela—Casavel.

10. Aquece, é brinquedo de crianças e alumia.
Lampeão.

11. Os mortos e os vivos têm, os vivos têm e os mortos não têm, os mortos e os vivos têm 1—2.
Coração.

12. Tem corôa e não é rei.
Tem escama e não é peixe.
Tem serra e não é carpinteiro,
Tem touceira e não é bananeira.
O que será?

13. São cinco irmãos
Dois barbados
Dois sem barbas
Um com meia barba.
O que será?



Prêmios

Religião

Vº ano — 1º Antonio Rafael; 2º Antonio Anastacio; 3º Euclides Ferreira.

IVº ano — 1º Domingos Duarte; 2º Paulo St. Ana 3º Zeferino Ribeiro

IIIº 1º — Oscar Bacaricare, 2º Alcindo Pedroso; 3º Linesio Nunes

IIº 1º — José Rondon; 2º Francisco da Conceição; 3º Hercilio Pedroso;

Iº 1º Cipriano da Silva, 2º Mario Gomes; 3º José Prado

Comportamento

Maiores: Mauros dos Santos

Menores: Claro de Lima.

Aplicação Profissional

Marcenaria — João Batista de Arruda

Alfaiataria — Euclides Ferreira

Tipografia — Antonio Rafael

Sapataria — Acelino Lopes

Encardenação — Armindo Bastos

Aplicação nas aulas

Vº. Ano — Iris da Cruz — IVº Antonio de Paula IIIº Alcindo Pedroso — IIº ano Estevão de Lima — Iº Jair Soares.

Alunos de Ótimo Comportamento

Curso ginásial

1ª **Serie A.** — Henrique Gomes da Silva; José de Carvalho; Mario de Figueiredo; Sebastião Ramos.

1ª **Serie B.** — Ataíde Bueno; Julio Zatar Amiky; Pedro Affi.

2ª **Serie A.** — Alberto Gomes da Silva; José Siqueira de Assis; Telerforo Nobrega.

2ª **Serie B.** — Arigildo Bueno; Celio Ferreira; Claudio Camilo; Oscar Helio Marques.

Curso de Admissão

Turma A — Adelino Vieira da Silva; Angoulemi Benedito Pereira; Augusto Eubaque de Moraes; Cacio da Costa Marques; Helio de Arruda; José Sardi de Figueiredo; José Alves Corrêa; Jovino Dias; Josué Evangelista; Manuel Felix Toledo; Vidal Rondon da Rosa; Everardo Paulino do Espirito Santo; Jssé Corrêa de Almeida; Jorge dos Santos.

Turma B — Pedro de Abadia Maciel; José Teixeira da Silva.

Curso Profissional

IVº **Ano** — Claro Hilario de Lima; Domingos Duarte Libanio; Mauro Joaquim dos Santos; Sergio Ferreira Duarte; IIº Valdevino Dias; Iº Benedito Borralho; José Prado de Abreu; Mario Gomes da Silva; Jair Soares de Arruda:

CLASSIFICAÇÃO NAS AULAS

Curso Gínasial — Arguições do mês de maio

1ª SÉRIE A — 1º José de Carvalho Leite; 2º Henrique Gomes da Silva; 3º Alcedino Pedroso da Silva; 4º Sebastião Ramos; 5º Paulo Eliseu lule; 6º Mario Curvo Epaminondas; 7º Odenil Freitas de Souza; 8º Leony Palma de Carvalho; 9º Mario de Arrada Figueiredo; 10º Herwig Lopes Pereira; 11º Leoncio Babino de Arrada Filho.

1ª SÉRIE B — 1º João Antônio Neto; 2º Gastão da Costa Ribeiro; 3º José Miguel de Araujo; 4º Julio Zaitar Amiky; 5º Estacio de Toledo Maciel; 6º Ataide da Silva Bueno; 7º Diniz Teixeira da Silva; 8º Antonio de Campos; 9º Alinor Sabo; 10º Andre Avelino de Oliveira Bastos.

2ª SÉRIE A — 1º Telesforo Nobrega Fernandes Filho; 2º Francisco Benedito Lobo Duarte; 3º João Licio Borrallho Filho; 4º Alberto Gomes da Silva; 5º José Siqueira de Assis; 6º Benedito Gabriel; 7º João Crisostomo de Figueiredo; 8º Gastão de Matos Müller; 9º Claudio Norberto de Souza; 10º Airton Pinto Fanaia; 11º André Bastos Jorge; 12º José Figueiredo de Arruda.

2ª SÉRIE B — 1º Francisco Gomes Bezerra; 2º Antonio Pedro da Silva Campos; 3º Carmelito de Arruda e Silva; 4º Arigildo da Silva Bueno; 5º Claudio Camilo Fernandes; 6º Jaime Avito de Figueiredo; 7º Leonidio Corrêa Filho; 8º Leopoldo Mamede de Arruda; 9º Oscar Helio da Costa Marques; 10º Celio Ferreira da Silva; 11º Estenio Neopolo da Silva.

Classificação nos exames semestrais

Curso de Admissão

Turma A. — 1º Ari de Moraes; 2º Manoel Felix de Toledo; 3º José Alves Corrêa; 4º Antonio Monteiro da Silva; 5º José Sardi de Figueiredo; 6º Gonzalo Leite; 7º Josué Evangelista; 8º Rubens Tocantis; 9º Otavio Pereira da Silva Primo; 10º Helio de Arruda; 11º Odilio Cajabano; 12º Everaldo Paulino.

Turma B. — 1º Perminio Jatobá; 2º José Tagore Pires; 3º José Nazareno da Silva; 4º Uir Thermagones Castilho; 5º Pedro da Abadia Maciel; 6º João Freire; 7º Paulo Nicola Levente; 8º Bento Ferreira da Silva; 9º Paulo Peixoto de Azevedo; 10º Alty Ferreira da Costa; 11º José Teixeira da Silva; 12º Paulo Corrêa da Costa; 13º Geraldo Magalhães.

Curso Profissional

Vº ano — 1º Iris Claro da Cruz; 2º Euclides Ferreira da Silva; 3º José Bom Despacho e Silva.

IVº ano — 1º Antonio Francisco de Paula; 2º Mauro Joaquim dos Santos; 3º Domingos Duarte Libanio.

IIIº ano — 1º Alcindo Gomes Pedroso; 2º Oscar Bacaricare; 3º Laurindo de Arruda.

IIº ano — Estevão Lima Cardoso; 2º Francisco Jorge da Conceição; 3º Hercilio Gomes Pedroso.

Iº ano — 1º Jair Soares de Arruda; 2º Armindo Bastos; 3º Cipriano Gomes da Silva

anda, vê?" Uma honrada calhandra revolvava ao redor do menino, como para dizer-lhe: "Não, Janko, não vas" e previni-lo contra a sedução. Mas a calhandra se foi e o rouxinol repetia com tom de maior segurança: "Não ha nioguén; vê, Janko".

O violino brilhava de novo resplandecente. Levantou-se o menino, adelantou-se com precaução, enquanto o rouxinol insistia em suas duas notas claras, sonoras: "Vê, Janko, vê".

A camizinha se aproximou da porta. Já as negras ramagens não o escondiam mais. O peito da criança se dilatava no umbral, sua respiração era fatigosa, precipitada. Um momento ainda e a camizinha branca vai desaparecer de todo na cozinha. No umbral iluminado se vê apenas uma perninha nua a tremer... a camisa desapareceu. Em vão revêlas, calhandra, e repetes: "Não, não."

Janko já está na cozinha.

Um ligeiro soar vibra queixoso e doce na escuridão, como se alguém tivesse roçado as cordas do violino e logo...

Uma voz dura, sonolenta, sai de de um dos cantos da cozinha e grita encolerizada:

— Quem vem lá?

Um fosforo risca a parede. Todo o ambiente se ilumina. Meu Deus! Cuvem-se juramentos, golpes, soluços de um menino, um grito: Ai, meu Deus!

Os cães ladram, as luzes correm aforeadas por toda a casa. Que revolução!

* * *

No outro dia, Janko se encontra de pé, deante do juiz e do alcaide, que deviam julgar infantil malfeitor.

Ambos olharam a criança, que toda assustada, com o dedo sujo na boca, não sabia o que queriam, nem porque a tinham prendido aqueles senhores. Como julgar semelhante moleque, que não chega aos dez anos e apenas se pode ter de pé?

Mandá-lo para a escola correccional?

E' preciso um pouco de compaixão para com os meninos. Que o guarda lhe aplique umas chicotadas para que não vá roubar, e pronto!

Pronto!

Chamaram Stacha, o guarda rural.

— Leva-o e dá-lhe uma bica para que abra os olhos.

Stacha meneou a cabeça estúpida e selvagem, tomou Janko pela mão e o levou para o campo.

O menino não compreendeu o que era aquilo ou talvez encheu-se de espanto.

O fato é que não disse palavra. Olhou contudo para Stacha como um passaro ferido. Sabia o que iam fazer? Quando o guarda o deitou por terra e tirando-lhe a camizinha fez estalar-lhe aos ouvidos o vergalho foi que Janko gritou: "Mamãe, mamãe!"

E cada vez que o chicote do desapiadado guarda caía sôbre seu pobre corpozinho, gritava: "Mamãe!" Mas sempre mais fraco, cada vez mais débil. A não sei qual dos golpes o menino se calou e não chamou mais por sua mãe.

Pobre violino espedaçado!

— Barbaro, infame Stacha, que trata assim as crianças!

E este era tão fraquinho, tão pequenino!

Apenas lhe restava a vida.

Chegou a mãe, recolheu o pequeno e levou-o para casa. No outro dia Janko não se levantou. No terceiro agonizava tranquilamente sôbre um enxergão.

Sobreveio a noite. As meninas voltavam do campo com seus feixes de feno e cantavam, cantavam a canção dos campos: "Ah! sôbre o verde trigo!"

Sons de flauta partiam das orlas do riacho. O rustico violino de Janko jazia ao pé da cama.

O rosto do pequeno se iluminou derrepente e seus lábios brancos murmuraram: Mãezinha!

— Que é, meu filho? — perguntou a boa mulher, sufocada pelo pranto.

— E' verdade que no céu Nosso Senhor vai me dar um violino?

Vai, meu filhinho, vai!

Paz a janko!

Tradução de
Câmara Gibense